

TODAS AS ARTES

.....
REVISTA LUSO-BRASILEIRA DE ARTES E CULTURA
ALL THE ARTS LUSO-BRAZILIAN JOURNAL OF ART AND CULTURE



Vol. 6, N. 1, Jan.-Abr. 2023
ISSN 2184-38052

ARQUIVOS, ESCALAS, MÉTODOS E SABERES EM CIÊNCIAS SOCIAIS

ARCHIVES, SCALES, METHODS AND KNOWLEDGE IN SOCIAL SCIENCES

ARCHIVES, ÉCHELLES, MÉTHODES AND SCIENCES SOCIALES

ARCHIVOS, ESCALAS, MÉTODOS Y CONOCIMIENTO EN CIENCIAS SOCIALES

Paula Guerra

Universidade do Porto, Faculdade de Letras e Instituto de Sociologia, CITCEM, CEGOT, Dinâmia'CET, Griffith Centre for Cultural Research, Porto, Portugal

Lígia Dabul

Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Rio de Janeiro, Brasil

Traduzido pela primeira vez para o português em 2009, o livro da historiadora francesa Arlette Farge, intitulado *O sabor do arquivo*, representou não somente um marco na produção dos conhecimentos historiográficos mas também lançou luz aos processos invisíveis que se engendram na tessitura dos objetos científicos no campo das humanidades. Mais que uma obra circunscrita ao método arquivístico, o pensamento de Farge desvela uma abordagem interdisciplinar que exige do pesquisador um posicionamento como sujeito de um processo intelectual complexo – uma “arqueologia do saber”, como diria Foucault (2012) – a partir do qual são desocultados os fragmentos, as miudezas, que conjuntamente nos irão fornecer retratos e diagnósticos de distintas ordens. E essa luz de Farge já nos iluminou em muitos trabalhos e obras (Guerra, 2020, 2021).



Figura 1: Aby M. Warburg, «Mnemosyne-Atlas», 1924 – 1929

Fonte: A*Desk - Critical Thinking



Figura 2: Aby M. Warburg, «Mnemosyne-Atlas», 1924 – 1929

Fonte: Mnemosyne-Atlas, Boards of the Rembrandt-Exhibition, 1926, Photography.

A luminosidade do pensamento de Farge advém da defesa da asserção de que o facto de estarmos diante dessas estruturas institui uma espécie de convite “a manter-se longe do arquivo-reflexo onde se colhem apenas informações e do arquivo-prova que conclui demonstrações, como se esgotasse de uma vez por todas o material” (Farge, 2009: 118); sendo, ao contrário, um aceno à dança, à uma percepção de que o arquivo não encerra sua finalidade última, mas é objeto de intervenção do investigador/a. Essa abordagem, que em alguma medida flerta com a imaginação warburguiana do *Atlas Mnemosyne* (Warburg, 2015) ou nas semelhanças informes do pensamento batailliano (Didi-Huberman, 2015, 2018), atesta, ademais, os aspetos de inventividade e criatividade dos cientistas na conceção, lapidação e testagem de métodos e protocolos de pesquisa que permitam aos arquivos e aos objetos de interesse revelarem as suas verdades ocultas.

Não é inadvertidamente que esta se torna, portanto, a ideia de fundo deste Volume. Partindo de métodos, de objetos, de memórias e de arquivos distintos – da música e da natureza na cidade, da música ambiente à crítica, da música clássica ao rap – os investigadores representados nesta edição ativam olhares muito próprios e repletos de engenhosidade para a elaboração de suas análises e aferições. No primeiro destes trabalhos intitulado *Simply Longing for Wilderness. Fictions of nature preservation in Western pop music*, Thorsten Philipp aborda em que medida é que a reinvenção de uma natureza autêntica e de estilos de vida compatíveis é um tema da música pop. Este artigo reflete a dimensão social da música pop para analisar as suas potencialidades comunicativas no processamento do problema da degradação ambiental e da preservação da natureza. As canções selecionadas mostram tentativas recentes de reconciliar a vida selvagem e moderna, encenando a narração colonialista do Nobre Selvagem - o índio como um sábio mordomo da natureza.

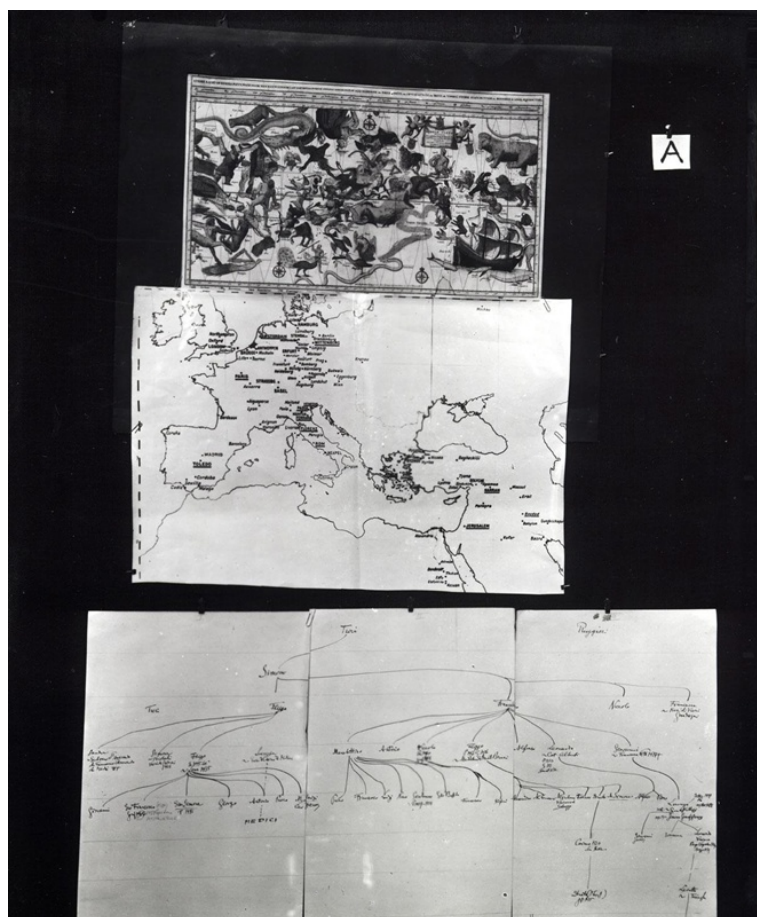


Figura 3: «Mnemosyne-Atlas», Board A, 1926

Fonte: Mnemosyne-Atlas, Boards of the Rembrandt-Exhibition, 1926, Photography.

Trabalhando também – embora em outro *topos* – com os médias e a crítica cultural, Frederico Dinis, com o seu artigo - *A música eletrónica ambiental: da profundidade sonora aos imaginários da mente II* - parte de uma definição para a música eletrónica ambiental enquanto elemento indutor para a criação de um espaço para pensar e apresenta um conjunto de autores e de trabalhos sonoros orientados para uma preocupação com o espaço. Mas a música eletrónica ambiental como género deve ser vista como uma sobreposição de informações, e não apenas como uma interação com um ambiente. Assim, defende que a ligação social da música eletrónica ambiental ao próprio ambiente e envolvente mudou ao longo da sua evolução enquanto género, tal como mudou essa envolvente, reforçando que o lugar hoje é um espaço pessoal, tal como a experiência de escuta associada à música eletrónica ambiental. A experiencição atual da música eletrónica ambiental na conceção, ampliação ou descontinuidade de lugares, expressa por si só o desejo de exercer um agenciamento interno ou uma mediação com a própria envolvente, operando como uma reflexão do 'eu', recorrendo a sonoridades que movem a mente.

No seguimento deste trabalho, a música é retomada também como tema do terceiro dos trabalhos deste Volume. No artigo *Sobre a ideia da consciência impressa no embodiment do som. Max Richter, Gustav Mahler e Alfred Schnittke* e na proposição de Maria-Roxana Bischin, saímos da escala da mediação para relevar a ideia de *consciência impressa*, baseada em pesquisas básicas no campo da fenomenologia. A premissa é que a música é uma substância criada a partir da infinita corporeidade sonora. Daí deriva a perspectiva de que a corporificação é algo que está impresso por detrás dos nossos julgamentos analíticos e perceptivos. O *embodiment* deve ser visto como uma dinâmica com dois princípios: o da criação da substância para-a-consciência e a transferência da substância da percepção para o processo da temporalidade.



Figura 4: «Mnemosyne-Atlas», Nr. 45, 1924

Fonte: Mnemosyne-Atlas, Boards of the Rembrandt-Exhibition, 1926, Photography. <http://www.medienkunstnetz.de/works/mnemosyne/images/5/>



Figura 5: «Mnemosyne-Atlas», Board 58, 1926

Fonte: Mnemosyne-Atlas, Boards of the Rembrandt-Exhibition, 1926, Photography. <http://www.medienkunstnetz.de/works/mnemosyne/images/6/>

Segue-se o artigo *Perspetivas sobre a música clássica brasileira e a influência da indústria cultural*. Aqui, Miqueias Felipe Costa Feitosa e André Dallálio, abordam as implicações da Indústria cultural nas produções e divulgação da música clássica brasileira. Através da realização de entrevistas semiestruturadas a compositores e integrantes do universo da música clássica no Brasil. Entrelaçando as teorias sociológicas com as entrevistas realizadas, foi compreendido que a indústria cultural causa impactos negativos e positivos. No entanto, existem outros fatores sociais que interferem, como a educação. No penúltimo artigo deste Volume, migramos para o campo teatral. Na reflexão de Ana Cunha intitulada *Políticas de memória em Ifigénia de Tiago Rodrigues*, por Anne Théron, a autora apresenta uma análise literária e sociológica da relevância da programação desta peça no cenário europeu atual da peça Iphigénie de Tiago Rodrigues, encenada por Anne Théron do Théâtre National de Strasbourg. A peça, que parte do original de Eurípidés, repensa os aspetos clássico do teatro grego e oferece-nos uma profunda consideração sobre a importância da memória para as comunidades, o conflito entre memória coletiva e individual, a responsabilidade dos membros mais vulneráveis da sociedade em não permitir que o Poder apague/esqueça as barbáries cometidas e o determinismo social.

A finalizar os artigos, voltamos ao campo sonoro com *O rap e música de intervenção: representações sociais do rap em Portugal* de Miguel Vidal. Este artigo aborda o rap português na sua dimensão mais interventiva. Partindo da análise documental de artigos de dois dos jornais de referência portugueses, desenvolve-se a imagem da forma como os públicos interagem com a dimensão interventiva do rap e a forma como a interpretam. Seguidamente, e num movimento que retorna ao espaço, André Araújo expõe um registo de pesquisa denominado *Para além do espacial: as potencialidades artísticas da relação entre a fronteira e a memória*. Neste trabalho, sob uma perspetiva multidisciplinar, o autor problematiza como os estudos da fronteira têm pensado o território para lá do espacial, integrando práticas artísticas que exploram o abstrato e o simbólico. Refere como as principais tendências da *border-art* têm vindo a refletir a propensão para intervenções performativas do território que desconsideram as possibilidades da exploração das dimensões temporais, focando-se sobretudo na reconfiguração do tangível. Finalmente, André Quaresma apresenta-nos a recensão crítica do livro *The Music of John Cage* de James Pritchett (1993), editado pela Cambridge University Press.



Figura 6: «Mnemosyne-Atlas», Nr. 33, 1926

Fonte: Mnemosyne-Atlas, Boards of the Rembrandt-Exhibition, 1926, Photography. <http://www.medienkunstnetz.de/works/mnemosyne/images/5/>.

Esta recensão pretende resumir de forma crítica os capítulos 2 “To sober and quiet the mind...” (1946-1951) e 3 “Throwing sound into silence” (1951-1956). Apesar dos trabalhos com percussões e das inovações composicionais e instrumentais, a primeira metade da década de 1940 é, para John Cage, uma época de desilusão. A grande maioria dos músicos e público que assistia ao seu trabalho não o aceitava bem, reagindo de forma hostil ou como se de uma piada se tratasse. É um John Cage deprimido e desiludido com a incompreensão, que conhece Gita Sarabhai. A indiana chega aos Estados Unidos para estudar música ocidental e torna-se aluna de Cage que, em contrapartida, lhe pede lições de estética e música indiana. O estudo desta cultura oriental tem uma grande influência em Cage que se começa a interessar pela sua filosofia e mais especificamente pelo Budismo Zen.

Porto e Rio de Janeiro, fevereiro de 2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Didi-Huberman, Georges. (2015). *Semelhança Informe ou Gaio Saber Visual Segundo Georges Bataille*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Didi-Huberman, Georges. (2018). *Atlas ou o Gaio Saber Inquieto: o olho da história III*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Farge, Arlette. (2009). *O sabor do arquivo*. São Paulo: Edusp.
- Foucault, Michel. (2012). *A arqueologia do saber*. São Paulo: Forense Universitária.
- Guerra, Paula (2021). O passado desapareceu e o presente é aqui e agora. Prolegómenos das culturas artísticas juvenis no Portugal contemporâneo. In Pereira, Simone Luci; Neves, Thiago Tavares das & Budag, Fernanda Elouise (Orgs.). *Comunicação e culturas urbanas. Temas, debates e perspectivas* (pp. 167-188). São Paulo: INTERCOM.
- Guerra, Paula (2020). Elogio da improbabilidade do património. In Oliveira, Gerciane Maria da Costa & Vieira, Kyara Maria de Almeida (Eds.). *Património, povos do campo e memórias: diálogos com a cultura, a arte e a educação* (pp. 47-66). Mossoró: EdUFERSA.
- Warburg, Aby. (2015). *Histórias de Fantasma para gente grande*. São Paulo: Cia das Letras.

Paula Guerra. Doutora em sociologia. Professora de sociologia da Faculdade de Letras e investigadora do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. Professora adjunta no Griffith Center for Social and Cultural Studies na Austrália. Investigadora colaboradora no Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», no Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território e no DINÂMIA'CET-IUL - Centre for Socioeconomic Change and Territorial Studies, Portugal. Co-fundadora e editora-chefe (com Andy Bennett) do Journal da SAGE: DIY, Alternative Culture & Society. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto, Portugal. E-mail: pguerra@letras.up.pt. ORCID: 0000-0003-2377-8045.

Lígia Dabul. Doutora em sociologia. Professora colaboradora dos Programas de Pós-Graduação em Sociologia e em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do Nectar/UFF – Núcleo de Estudos Cidadania, Trabalho e Arte da Universidade Federal Fluminense. Poeta. Universidade Federal Fluminense, R. Miguel de Frias, 9 - Icaraí, Niterói - RJ, 24220-900, Brasil. E-mail: ligia.dabul@gmail.com. ORCID: 0000-0002-6224-9720.

Citação:

Guerra, Paula & Dabul, Lígia (2023). Arquivos, escalas, métodos e saberes em ciências sociais. *Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 6(1), pp. 2-9. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/tav6n1

